

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada.

ESCRITORIO
RUA DO OUTDOR
52 - sobrado - 52

CORTE

Trimestre	55000	Semestre	115000
Semestre	105000	Anno	215000
Anno	205000	Avulso	5600

PROVINCIAIS

115000
215000
5600

1868




Nova corrida de touros desmoldados em Hespanha.

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1905

Continuare amara.

A senha contra a redacção d'esta folha apparece-nos subitamente.

Foi pena: divertia-me tanto!

Calaram-se todos, não o proprio e inexcusavel *Horus*, que, tendo entrado na arena da discusão com o rompanço de um brioso leno, retirou-se d'ella como um cansado esquireiro.

Foi pena!

Asseguram-me que *Horus* morreu para a imprensa. Como não dou em homem deitado, guardo para occasião opportuna a exhibição dos documentos que provam seus plágios.

Por enquanto, direi apenas: se é verdade que elle morreu... seja-lhe leve o tedio dos que leram seus soberbos folhetins.

Amen!

Lembro-me agora que ainda ha alguém que cavava sobre mim sua pegonha.

Ba-tu-dan no domingo passado publicou um desenho e um artigo contra esta redacção, feitos ambos com aquelle *altisimo* de tarima, aquelle espirito de *chantage* que todos lhe conhecem.

Um tal jornal não podia deixar de ter um nome chinês: os chinses sempre primaram como industrialistas.

Não respondi aos apodos de semelhante salamaque. Heide conservar-me no meu posto de honra, prompto sempre a levantar a voz contra as insolencias semanalmente atiradas por elle sobre nossas instituições e nossos caracteres mais respeitaveis, porque não lhe reconheço o direito de ingerir-se nas nossas cousas politicas, mas não me abaxiarei até levantar sua gordurosa luva.

Ba-tu-dan quer proteger-se com um manto que lhe não compete. O titulo de estrangeiro não o deve proteger. Os estrangeiros não sempre bemvindos no Brasil; respeitamol-os; carecemos d'elles, porque representam a civilisação, porque trazem consigo os melhoramentos materiaes e a amenidade do tranco europeu.

Quando, porém, um estrangeiro se desmancha, quando vem para o Brasil especular com o insulto em vez de moralisar e instruir, perde todo o prestigio e desce a categoria dos homens nocivos de que a sociedade se deve purgar.

Pedro Hespanhol tambem era estrangeiro.

Estou com privilegio de mocca bonita: prometto e não cumpro a promessa!

Communiquel ao numero passando aos meus leitores que começarei hoje a publicação de um bellissimo romance, *Capitola*, de costumes norte-americanos, e deixo à margem o romance prometido para lançar mão de outro, cujo titulo é: *O segredo de Miss Aurora*.

Porque? Que razões me induziriam a assim proceder? perguntar-me-hão sem duvida.

Uma unica, respondendo eu; mas essa vale por mil: o ardente desejo de robustecer ainda mais a sympathia com que o publico favorece a *Vida Fluminense*, dando como pario a sua curiosidade, um romance em todos os sentidos mais importante do que o prometido, e que eu não conhecia senão de nome, pelo muito entusiasmo que excitou em Londres e em Paris, quando foi dado à estampa, haverá trez ou quatro annos.

Li *O segredo de Miss Aurora* depois de haver feito a promessa relativa a *Capitola*, e, palavra de honra! preferi ser taxado de — não, culpador de palavra —, do que esperar para mais tarde a publicação de um romance tão interessante e commovente.

Não sei o que dirão hoje os leitores; mas tenho certeza que antes de dois mezes, levantando as maldições que sobre mim tenham atirado no primeiro assomo de colera, virão em cobro unidos ao ar à minha porta ferventes encomios e agradecimentos.

Querem uma prova de que *O segredo de Miss Aurora* é realmente um romance encantador no fundo e na forma, no enredo e no estilo?

Leiam o que a seu respeito disse um critico francez e convencerão-se:

« Toda a Inglaterra commoveu-se; toda a imprensa soltou um brado de louvor; todos os olhos derramaram torrentes de lagrimas. Nunca romance algum excitou tanta curiosidade e compunctio.

« Miss Aurora é filha de um banqueiro quarenta vezes millionario. Bella como um anjo, espirotosa como um demonio, boa como uma irmã de caridade; adorada por seu pai e por seu noivo; abençoada pela pobreza; educada com esmero; respeitada e temida por todos, Aurora devia ser muito feliz... mas não o é.

« Porque? eis a pergunta que se fez feita por seu noivo Mellish, e por sua prima Lucia, e a qual ella nunca se animou a responder.

« Apesar de Aurora não lhe querer confiar o terrivel segredo, Mellish resolve-se a esposar-a, porque está convencido que ella é innocente e pura. Em seu alio, em seus gestos, em seu porte de virgem soberana transpira a virtude. Uma mulher como ella nunca conheceu a vergonha e o remorso. A lua de mel é um verdadeiro idyllio, um cea azul, sempre resplendente, onde paira uma unica nuvem, e essa nuvem é: *o segredo de Aurora*.

« Surge no romance um jockey, moço, bonito e elegante, e logro rosto da mocca se cobre de rubor. Como? Será elle — o segredo — de Aurora? O anjo de belleza dasceria de seu altar de virtude para constituir-se esposa infiel, mulher viciosa a ponto de amar um laçao? Não! Aurora adora seu marido; o jockey não é; nunca foi seu amante. O terrivel segredo depende d'elle; mas não é elle!

« Infelizmente Mellish sabe que sua mulher deu *rendes-ous* ao jockey e que trocara com elle cartas. De repente uma catastrophe horral vem combalçar a situação. O jockey é assassinado. Por quem? Aurora é a unica que conhece a victima; só ella tinha interesse em fazel-a desaparecer.

« Morto o laçao, Aurora foge de casa, abandonando seu marido que ella tanto adora, sem despedir-se de ninguém e... »

Deste ponto em diante começa o verdadeiro interesse do romance, como se verá pela leitura.

O segredo de Miss Aurora será acompanhado de alguns desenhos, representando suas principaes peripécias.

O Orpheu na roça ainda não deu cacho. As enchentes de trespassar persistem e ainda persistirão por muito tempo, com grande contentamento de todos, inclusive dos acrobata-gymnastico-equilibristas japoneses, que fazem diabruras no theatro Lyrico.

Um d'elles, o anno *All Right*, ficou tão entusiasmado com a parodia, que não pôde resistir à tentação de escrever um estinado artigo (em japonês, já se sabe), que me remetteu para ser publicado na *Vida Fluminense*.

Na minha meninice, quando eu sentia fôma costumava gritar: « dê-m-me já pó! » Mas, citando-se nisto

meus conhecimentos *japonezes*, não pude metter o dente no artigo do pequenino *All Right*. Não obstante, e para não suscitai alguma reclamação das autoridades de Yeddo, apresse-me em trazer à luz o esordio do tal artigo.

Ahi vai elle; decifre-o quem puder:

XHXKXZO PIBU.

« Ymcxii zhushtblanphon van adfuciohzhjktxtbuiii x h, Tmtilitipentent *Orpheu* na roca *Leidichthys*!!!!!!! Zinzanzizangambi *Vasquez* hihihihii!!!!!!! ranka mendlepidoba Eldorado hohohoho!!!!!!! »
etc., etc. e etc.

Vinte cinco folhas de papel asiático, façam ideia!

A. D. C.

TRANSCRIÇÃO

Le-se no *Monitor Campista* do 29 de Outubro:

O DECANO ARMARINHO

DE
CLEMENTE DE MAGALHÃES BASTOS

De volta da sua viagem, isto é de uma passeio hygienico ao Rio de Janeiro, para gozar alguns dias com recordações dos passados tempos, e ainda d'um golpe de vista estou nas fileiras dos veteranos da independência com os 75!! esse favor é especial pelo poder do Altíssimo a quem submetto respeito e adoro. E com essa mudança d'ar de seu paiz natal sentio-se mesmo confortar-se pelas distracções e variedades do que melhor se pode gozar. Não é preciso incenso de lisonja com lapis dezonhar o quadro da natureza tão pintoresco do bello e agradável que representa com vivas cores esse torrão abençoado a terra da Santa Cruz d'onde todos os riveintes de nunchos orais já vão gozar e beber desse uctar da Carioca. Tudo mais é que este mundo, é assim mesmo.

Vamos um pouco tratar da vida e satisfazer aos frequezas um sortimento de miudezas do gosto e modas para senhora, brinquedos e bonecas para meninos com que faço negocio pela sua innocencia comperto como lá dizem na pl, pi, pido, e não temho de somnar parrella a actualidade d'el progresso e de respeito o dia 7 de Setembro, convidado pois para acharem tudo que é de armarinho, corroborando toda essa maxinifuda Com as primorosas violas do alto pinho. »

Não acham que são verdadeiros primoros no seu gencro?

ACERCA DOS THEATROS

Haverá cerca de tres mil annos existiam em França duas familias poderosas, que se estimavam reciprocamente.

A mais estreita amizade unia os « *La Roche* — *Tramptet* » e os « *Creey* — *Creey* », potentados de nobre linhagem, fidalgos de longa data, e senhores de buraco e candelão, se não nemem as chronicas.

Chegava a tal ponto a intimidade, que raras noites se escocavam sem que a lha assistisse placidamente (nas noites de luar, hem entendido) aos nuns familiares colloquios de que ha noticia até hoje.

A alta dos fúnebs, o preço da carne de porco, a generalia das ruínas, a ultima cotação dos melacs, as *collettas*

(Continúa na pagina 542.)

do ultimo baile da corte, a pesca da sardinha e a caça de *ficat-dia*, eram assumptos que poucas vezes passavam sem largar discussão amigavel.

Ainda mais.

Se um *Creey* — *Creey* avistava qualquer « *La Roche* — *Tramptet* », corria para elle, apertava-lhe cordialmente a mão, e dizia-lhe logo em seguida: « Com, cat? Passou bem? »

Ao que o outro respondia: « Muito bem, muito obrigado » Parece que estas phrases já existiam ha tres mil annos.]

Provados os sentimentos de alta estima e cons deracão, que uniam as nobres familias, tornava-se necessario dizer ao leitor que dous caminhos, completamente independentes, iam dar nos respectivos castellos de tao illustre gente.

Os *La Roche* — *Tramptet* reservavam para si o direito de pilhagem n'um d'elles: os « *Creey* — *Creey* » despojavam descaradamente os transmontes do outro. Era lei respeitada por ambas as familias.

E porém fora de duvida que um dia, os choles das illustres casas, cahiram no mesmo tempo sobre a roda preza, que nenhum d'elles quiz abandonar ao outro.

A partir d'esse momento o mais incarnigado odio veio substituir a santa amizade de outrora.

Passaram-se annos; as duas familias cresceram e ramificaram-se; mas, apesar de dizer-se que o tempo gozta tudo, ficou d'esta vez o annexum por moutroso.

Os *La Roche* *Tramptet*, e os *Creey* — *Creey* continuaram a detestar-se, evitando cautelosamente as occasões de se avistarem.

Cupido, porém, mette-se de permeio no negocio, e atravessando com amorosa setta o coração de Jeanette, filha do ultimo dos *Creey* — *Creey* obriga a timida donzella a apaixonar-se loucamente pelo ultimo *La Roche* *Tramptet*, o Sr. Totó, moço despenhado e galfoeiro, que esbanjava em poucos annos a enorme fortuna de seus antepassados.

Totó no principio não dá pela cousa; mas depois namorara-se tambem; e do bom grato despozaria a encantadora moça se o *cto* paterno não viesse oppor-se aos desejos de ambos.

A final *Creey* — *Creey* fica tambem louco de amoros por certa condessa de contrabando, (ne pas confondre avec Helle de Valmonke) que, a pedido de Totó aproveita o ensejo para imprimir o velloo a realisação do consorcio projectado pelos dous namorados.

Creey — *Creey*, para obter a mão da soberana de sua alma, consente em tudo, e o negocio remata no meio do contentamento geral.

Eis pouco mais ou menos o enredo da nova peça, que o Alcazar promette dar-nos a 19 do corrente.

A cousa é singella, como se vê, mas adubada de peripécias ratonas, de desconchosos extravagantes, e ditos espirituosos que devem produzir optimo effeito na scena.

Especifico-as aqui, para matar a curiosidade dos que desejam assistir ás representações.

A musica, encarada pelo lado scientifico, é um primor de combinações originaes, todas de accordo com o caracter de cada um dos personagens, instrumentadas com rara habilidade, e perfeitamente adaptadas ás diversas situações da peça.

Juntam a isto tres scenas novas, devidas ao pincel do talentoso Hunsicar, uma mise en scena esplendida, e trinta toilettes de luxo e gosto não equivocos, e realtun a tentação de ir ver o *Chateau d'Ydo* se poderem.

E então? Não julgava em que o habitantes do Celeste Imperio só tinham prestino para vender sardinhas?



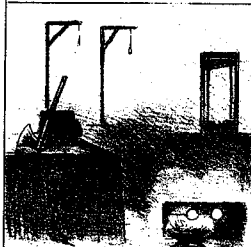
Em noite.... Dóres horríveis atormentavam
o Sr. Anastácio.



Desponta o dia e eis-o despendendo em demanda
de um dentista.



sob os degraus quatro a quatro.



CONHAS!..... Coisas horríveis!!!...



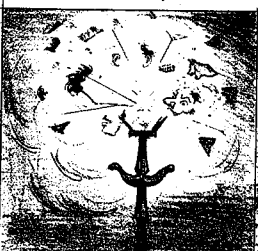
Cobrando animo, o padecente senta-se na fatal ca-
deira; porém o tubo de borracha, introdutor do gaz
hilarante, lhe causa certa repugnância.



Mas o operador, munido-se de uma infinidade de com-
plices dos Estados-Unidos, prova-lhe que Ayaz, Holoway
não tem nada charlatão, que o gaz hilarante é um dos do-
minantes da humanidade que sofre (dos dentes), que no Paraiso não se
sente o dolo... que... enfim 500,000 pessoas operadas em
oito dias tinham saído daquela lista e que.....



Começa a operação.



..... O paciente sente interiormente uma
explosão horrível.



Mas a explosão não foi um sonho. Um pedaco do
queixo e quatro dentes, em voz de um! Sali!

HILARIANTE.

— VIDA FLUMINENSE — QUE SOFREM DOS DENTES

ANGELO.

A VIDA FLUMINENSE



e expõe ao grande operador a causa de seu martyrio:



Quê dizer que breve doutorados ambos vão de afagar para se apaziguar seus sofrimentos.



Ao contemplar a cadeira e seus accessorios, o Sr. Anastácio sente calafrios e julga ver



os documentos e de
diversos, etc., etc.,
para daão para a
quando se emprega
em meios de

Enfim... convencido,
o Sr. Anastácio deixa-se operar.



Logo que o paciente adormece, o grande operador substitue o tubo introdutor por uma rolha. Sob a influencia do gaz hilariante o Sr. Anastácio sonha que...



que está transformado n'um lico de gaz!



O operador, que é consciencioso, não lhe faz pagar sendo a extracção de um dente dos outros trez e o peço de queixo não se contam.



O operador pede ao Sr. Anastácio que assigne seu nome a lista das pessoas que extrahiram dentes sem a menor dor e tendo sonhos doloridos.



41 que bôto, o Sr. Anastácio fogio espavorido.

Depois de assistir ao primeiro esportáculo da companhia japonesa, tanto vergarba de mim mesmo quando penso na opinião errada que fazia acerca d'essa gente.

E' verdade que eu só os conhecia pelos *specimens*, outro-ra importados pelo Sr. Cardozo, que apenas se encontravam tres classes distinctas: a dos cozinheiros, a dos vendeiros de peixe, e a dos tarapios de gallinhas.

Pois dou o dito por não dito e apresso-me a declarar que os melhores acrobatas e equilibristas deste mundo são os *sismarros*, como diz o Vasquez.

O que elles fazem no theatro Lyrico, alem de ser completamente novo, é deveras sorprendente.

Há sobretudo um trabalho, executado por um rapazinho de 11 annos, sobre uma escada de 24 degraus, sustentada durante um quarto de hora pela força muscular de um só homem, que é admiravel.

E aquellas duas borboletas que esvoaçam....

Couzas d'estas não se descrevem: veem-se!

A. DE A.

A ESMO

PELO AUTOR

No tempo em que as andorinhas
Tinham azas e não rodas
No vario mundo das modas
Chamavam-se favoritas
As modas serias e graves;
Mas hoje, leitorns minhas,
Que tudo marche ás avessas,
Que o coque, as redes, as fitas
Fazem das vossas cabeças
Ninhos de rigoreiras aves:

Cruzam o espaço as carroças
Sem auxilio de parafus,
As andorinhas, repletas
De cousas novas e velhas
Percorrem a côrte toda.
Meninas, velhas e mocas,
Com rodas como os vehiculos,
Só inspiram nos poetas
Compaixão pelos ridiculos
Que trisjam, graças á moda.

Morbundas as belezas
Nos feios balões ovellas,
Do coque pelos decretos
Extinctas as tranças soltas,
Eis do progresso as luctanças!
Da natura as retezus
Perdem a liberdade;
Mas por motivos secretos
A cantante modicula
Vive nta... de esperanças.

Comprimem as novas culcas
As pernas do janelismo.
Os chapéus tomam tal forma.
Que muitas vezes eu scismo
Em vê-los do uso banidos.
Em posições sempre filans
Andam também as botinas,
Porque tomando por norma
O desejo das meninas,
Ninguém quer ter pés crescidos.

Os palcos esculham
Fazendo guerra ás janelas,
Que por serem prefluctas
Do caixerial nobre classe,
Dão tom nella amadores;
Mas os vestidos crecestram
Tanto e com tanta furia,
Que se a moda perdusse
Lançaça na penitria
Das ruas os varredores.

O *pinerez* documenta
Dos moços de buja a cegueira,
E destes seguindo o exemplo
Muita mentis facira
Se tornas nyope por gosto,
Quando o *pinerez* assenta
Tanto em pariz feminino
Como da oração no templo
Os sons assentam de um hymno
Por Offenbach composto!

Não culci nunca as botinas
Novas de quadrado bico,
Nem comprei um chapéu branco,
Porque seriamente implico
Com tudo que não é serio.
Do ridiculo nas minhas!
Ha de gostos abundancia;
Mas entendo, sendo franco:
Que sómente a extravagancia
Manda das modas no imperio.

Brilha á noite solitaria
A lua no firmamento,
Que as estrellas desertaram
Para servir de ornamento
A's festas dos alcanceres.
E' quasi desnecessaria
E' a luz que o sol derrama,
Porque seu brilho emprestaram
Muitos poetas de fama
Aos femininos olhares.

Tambem graças aos poetas
Não possuo o céu mais anjos:
Todos vivem neste mundo
Para á vida dos marmanjos
Dar mais ventura e graudeza.
Cupido não mais as settas
Emprega em seus conquistas,
Porque com genio profundo
Vê que vale das artistas,
Mais que as settas—a belleza.

Protestas, contra protestos
As eleições provocaram,
Porque houve sangue e morte,
Ou porque calmas marcharam,
E todos razão tiveram:
Pois do voto andou nos cestos
A liberdade espalhada:
Triumpharam os mais fortes,
A ordem foi perturbada
E uns treze chefes morreram!

Com licença dos leitores
Aqui termino por hoje,
Porque preciso descanso
E tambem porque me foga



Um mo traz agua gelada,
outro mo riguarda a tez;
esta enxota a mosquiteada;
aquella raga-mo os pés.

Os insectos zumbidores
podem sumir a fartar;
pódo o sol de seus furores
contra mim descalear;

e, como não sou herege,
venha o diabo tambem;
minha sombra me protege,
eivo alegre e passo bom,

Copia fiel do desenho e da poesia da *Semana Lustrada* (1ª pagina, n. 412).



Explicação dada pela *Vida Fluminense*.

Na fazenda de S. Francisco de Paula ha uma grande *espiga* que está para morrer, *quinada* pelo sol. Para vêr se a podem salvar, os negrinhos da fazenda *regan-lhe o pé*, *enxotam os insectos zumbidores* e *cobrem de xordo esprume as raizes*.

[Nota: os insectos zumbidores de que falla o poeta são as constantes *quoixas* do publico contra a *Semana*].

Uma pergunta muito innocente. Porque será que o Dr. *Semana* gosta tanto.... estar no meio de moleques?